

5 A DONA EDUCAÇÃO VISITA O DOUTOR SAÚDE.

Fernando Cesar de Souza ¹

RESUMO: Durante a aula magna do saudoso professor Hilton Japiassu, em 2008, onde nos contava sobre o seu livro: O SONHO TRANSDISCIPLINAR E A RAZÕES DA FILOSOFIA e a magia que há por detrás da frase ‘*o pão nosso de cada dia nos dai hoje*’, fiz uma breve retrospectiva na minha vida acadêmica e pude entender que a essência - aquilo que nos é mais precioso e individual - é irmã gêmea da existência humana. Durante três minutos me silencieei, e tentei compreender a dimensão daquela questão tão singular e inédita. Aliás, ela passou por minhas vísceras numa velocidade impressionante que me lançou ao centro da força kairótica (a que transcende o passado e o futuro para legitimar-se no melhor instante do presente), que até hoje permito-me analisa-la, senti-la, vive-la, escuta-la ou admira-la como uma pergunta mestra, num toque ontológico de Japiassu.

Palavras-chave: interdisciplinaridade, educação e transdisciplinaridade

INTRODUÇÃO.

“Que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós”.

Manoel de Barros

Então nasceu o meu foco para a arte de cuidar das pessoas aparentemente estressadas, e paradoxalmente adoentadas, e óbvio, incluindo-me nessas

¹ **FERNANDO CESAR DE SOUZA:** Pós-doutor em Interdisciplinaridade e Cuidado Humano na PUC/SP (2015). Doutor em Educação: Currículo pela PUC São Paulo (2009). Mestre em Educação pela UNICID (2005). Especialista em Bases da Medicina Integrativa, Instituto de Ensino do Hospital Albert Einstein (2013). Bacharel em Administração de Empresas pela Universidade São Francisco. Sócio da consultoria SPIR – Observatório da Educação e Cuidado Humano. www.spir.pro.br

análises. Aquele rito de passagem – as breves palavras de Japiassu – legitimou-me pelas estradas da cura e, paralelamente de autocura. Com intencionalidade dirigi-me aos profissionais da medicina, da saúde, de algumas religiões e da formação de professores com essa pergunta mestra, às vezes como “aprendente”, outras como “ensinante”. Quando escrevo no título desse artigo que a Dona Educação visitou o Dr. Saúde, transcendo as questões de gêneros ou as posições sociais que essas profissões costumam nos impor. Esse ensaio pretende colocar luz aos encontros que estimulam as transformações vitais, ora sutis, ora caóticas. No ato de educar, vejo diariamente que os professores e os alunos estão repletos de intencionalidades e sentidos, e posso compreender que essa prática é interdisciplinar quando esses sujeitos habitam às margens das disciplinas, saltando de seus espaços convencionais e disciplinares para uma área prenhe de avalanches de diálogos e reaproximações.

A interdisciplinaridade não obstrui a tradição e a herança cultural de cada disciplina, e não tenta contaminá-las com percepções estanques e diretivas, pois a interdisciplinaridade não pode se tornar numa superespecialização composta de performances e pirotécnicas pedagógicas. Não rogo que eles (os campos) sejam reconectados diante de uma ordem superior ou decisão mítica, pois há registros antigos que os confirmam como campos siameses, e assim, acredito que um possa se servir das estratégias do outro, num ato de solidariedade e presença. Fui construindo uma cadeia de valores que aposta em processos curativos alimentados pela simplicidade das interações humanas. E assim, o título desse ensaio indica que a Dona Educação aproxima-se do Dr. Saúde num espaço analogicamente reconhecido como pontes que os permitem acessar os novos jeitos de educar e serem educados, de cuidar e serem cuidados.

Entre os anos de 2006 e 2009, nos escritos do doutorado em Educação, afirmei que a escola era um território de curas, numa tratativa de expandir o conceito do cuidado atrelado apenas ao “habitus medicus”, mas não atuei nas curas físicas pois não havia evidências científicas convencionais, carregadas de rigor acadêmico necessário para essa confirmação. E respeitosamente não invadi o campo da saúde ou da medicina, em sinal de reverência aos profissionais desse campo e ao meu incipiente conhecimento no tema.

Aos poucos fui compreendendo que os dados mais impressionantes numa pesquisa acadêmica não estão nos resultados expostos; ou na triangulação das evidências e planilhas; na descrição minuciosa das hipóteses ou nos relatórios on line que enchem as caixas de e-mails dos futuros entrevistados. Compreendi que as pessoas, quando bem cuidadas, no consultório ou na escola, são felizes e retribuem esse estado latente de felicidade, e isso é, no mínimo, uma experiência de “*soteria*”, ou salvação, segundo os gregos. Uma pessoa salva dos preconceitos carregados de incapacidades diante das coisas do mundo, são pessoas curadas! Felicidade e salvação são questões vitais dentro da escola, numa transcendência ao programa educativo ou ao currículo pré-estabelecido. O professor Gaston Pineau afirmou que tratar do “sentido do sentido” era uma “questão vital”, e para isso, não invadiria os espaços dos etimólogos ou poetas, mas sim contribuiria com suas percepções e ferramentas pelo olhar da educação, carregados de paixões e práticas. Então, quando tratei

da cura não desconsidere os constructos dos territórios alheios, e sim compartilhei minhas considerações ou observações, sem ser conclusivo ou definitivo.

Falar de cura é viver na incompletude e na indefinição da própria vida, em ensaios solidários no meio-do-caminho ou no-meio-da-ponte entre a Saúde e a Educação, acolhendo o ser humano no aprender a ler nas entrelinhas, conhecendo o campo social, histórico e existencial que os rodeia. Eis um desafio dos pesquisadores em Ciências da Educação: investigar nas entrelinhas, o não dito. Por isso mesmo que os dados mais impressionantes estejam às margens entre as ciências, entre as disciplinas, entre as tribos, ou entre as libidos. Compreendo, diariamente, que a escuta atenta é a irmã mais sensata da escrita docente ou da prescrição médica! É preciso ousar na escrita e não intimidar o poder da palavra quando tratamos dos outros.

Oportunizar que os alunos ou os pacientes se curem é garantir o exercício dos direitos humanos básicos em qualquer sociedade dita moderna. Ou estou exagerando? Direitos humanos não podem ficar grudados nos sites das organizações internacionais, mas devem ser expressados no encontro entre as pessoas e nas relações eu-mundo-outro, num ciclo de confianças e afetos. Bem como as Políticas Públicas, minuciosamente escritas como cartas magnas, não podem permanecer intactas ou endeusadas. É preciso ação quando se fala em direitos humanos. A visita da Dona Educação no consultório reflete (um pouco) um percurso dialético que visa aproximar esses dois campos, e assim nos é demandada uma necessidade de escutar e (re)conhecer territórios distintos daqueles aos quais soam familiares e seguros a cada um de nós. Ivani Fazenda nos lembra que a interdisciplinaridade trata o “familiar como estranho, e o estranho como familiar”.

Numa das cenas que presenciei, notei que nos diálogos entre a Dona Educação e o Sr. Saúde, eles tratavam do tempo, o tempo todo! As palavras cadenciadas do Dr. Saúde acalmavam a afobação da Dona Educação que buscava (naquele momento) por respostas imediatas, o que aos poucos foram apaziguadas. Desde então ambos perceberam que não é possível acelerar o ritmo pessoal, nem exigir velocidade em seus próprios aprendizados. A ideia de aprender-com, de superar a unilateralidade didática quando “enchemos” os alunos de coisas são exemplos dos atos acelerados do lado de fora da escola ou da clínica. Dentre outros encontros, eles apostavam que o silêncio não é a mera prostração diante da vida, mas é a ativação da força inata que nos faz compreender que toda a palavra tem efeito de intervenção social e carrega um alto grau de intencionalidades. Quando falamos, trazemos um encadeamento de ideias e ideologias, isso é inevitável.

Outras perguntas brotavam a cada encontro: Quem cuida de quem cuida? Como transformar os conteúdos das aulas em projetos de vida? A escola tem realmente como missão a cura do ser humano? Dona Educação aprendeu com o Dr. Saúde que todo o excesso sobrecarrega o organismo, fazendo-o eliminar as substâncias nocivas aos órgãos internos, numa busca constante pelo equilíbrio e energia vital. Então, numa construção de pontes, vamos para a sala de aula, onde o currículo ou a didática estão costumeiramente “cheias” de textos ou trabalhos (ensino básico) ou “entupidas” de slides (ensino superior -

como se existisse o ensino inferior!). Convenhamos que as pressões externas como produtividade, competitividade, meritocracias ou gerenciamentos invadem os espaços da escola e nos direcionam aos excessos didáticos ou instrumentais, por isso os corpos dos alunos e dos professores jogam boa parte disso fora, porque ainda nos é estranho e ameaçador, ou sem sentido.

A cura será pedagógica quando o tratamento médico deixar o foco da doença e expandir a ação na promoção da saúde. Ou quando as clínicas e consultórios compreenderem que os pacientes têm histórias de vidas que os lançam como vítimas ou algozes de seus próprios mecanismos de cura e doença. A cura será pedagógica quando carregar o cuidado como premissa estruturante, comum às artes médicas desde os ensinamentos da medicina chinesa; da escola grega; da religiosidade hindu ou das bases místicas e ancestrais da medicina africana, passando posteriormente por Hipócrates, Pasteur e Koch, dentre tantos que demonstraram suas habilidades de promotores de “soterias”. A cura será pedagógica quando a salvação for compartilhada e ambos (médico-paciente) assinem como autores suas próprias histórias, livres em seus voos e travessias, conscientes no comando das suas doenças ou curas.

Dr. Educação.

“Uso a palavra para compor meus silêncios. Não gosto das palavras fatigadas de informar”

Manoel de Barros

- Pode entrar! Disse o Dr. Educação à Dona Saúde.

Ela visitou a escola pela primeira vez. Agora o olhar e a escuta estavam mais apurados e os tempos de aprendizados estavam individualizados, pois durante os encontros anteriores, eles viveram o novo, o inédito e o possível de maneira intensa. Num espaço comum aos dois, o pátio da escola foi escolhido como lugar de convergências de ideias e práticas interdisciplinares, um pouco diferente do consultório, mais hermético e introspectivo, pois a saúde pede certa interiorização, enquanto a educação nos coloca em contínuas expansões. E se pudéssemos inverter essa lógica? Mais integrativo é o desejo da Dona Saúde quando encontra sentidos ao ato de educar e curar, e busca na parceria com o Dr. Educação as medidas preventivas para que as doenças psicossomáticas não se instalem dentro da comunidade escolar: medos, fobias e exclusões sociais, por exemplo.

Se para os gregos, “medicus” é aquele ou aquela que cuida da saúde de alguém, e para os mesmos gregos, o “paidagogós” é aquele que guia o saber do outro, sinto-me confiante quando percorro os dois territórios. A pedagogia será curativa quando reaprendermos que nosso corpo dá sinal de fadigas ou estresses e onde o tempo de descanso for considerado como uma prática de qualidade de vida, e não de ociosidade ou “vagabundagem”. A pedagogia será

curativa quando dialogar sobre as questões vitais que movem suas comunidades. É só lembrarmos que a frase “cabeça vazia é oficina do diabo” funciona até os dias de hoje, impregnando nosso inconsciente coletivo e nos culpando quando nos é dado o tempo livre, de ócio restaurativo.

A “scholé”, para os gregos, é o local do ócio, um ócio que renova o espírito e reconstitui o físico. Só conseguiremos acolher os diferentes e abraçar a diversidade (o princípio da tolerância) quando acontecer uma simbiose de atos e fatos, como as comunidades de práticas fazem. A Dona Saúde se reconhece na ação do Dr. Educação, num dinamismo para além das técnicas e/ou instrumentações. A pedagogia será curativa quando conseguirmos amenizar os choques entre as culturas familiares e populares com a cultura da escola, essa última teima em impor alguns regulamentos sem discutir seus sentidos ou propósitos. É preciso quebrar os paradigmas de que a arte do pensar esteja fixa a um determinado estrato social e econômico, e aos demais, bastam apertar parafusos e seguir normas, sem garantir-lhes o tempo ao ócio.

E para finalizar, a pedagogia será curativa quando a simplicidade da didática prevalecer sobre a sofisticação metodológica ou curricular de uma sociedade apressada e que excede em parafernalias high tech. Podemos utilizar a tecnologia a favor da escola, mas isso não pode impedir que as histórias de vidas renovem as disciplinas e o currículo. Que tal uma tecnologia da escuta para a escola e a clínica? Ou uma pedagogia do cuidado na clínica ou na escola? Dona Saúde e o Dr. Educação acordaram que são interdependentes e suas práticas podem se apoiar nas práticas interdisciplinares como um caminho comum, o meio-da-ponte ou o estar-entre. Há prisões e armadilhas nos currículos escolares quando direcionam radicalmente as pessoas em determinadas caixas preparadas para um único objetivo, sem perguntar se há sentido em suas formações e desenvolvimentos. E quanto a pergunta de 2004? Para mim, ela continua com a mesma vivacidade e potência, atravessando minha alma e remodelando minha didática, uma fonte de inspiração para minhas práticas pedagógicas num mundo de paradoxos e incertezas.

REFERÊNCIAS.

BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. Editora Saraiva, São Paulo, 2010

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes e SOUZA, Fernando Cesar de. **Diálogos interdisciplinares em Saúde e Educação: a arte do cuidar**. Revista Educação & Realidade, v. 37, n.1, 2012, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ver em [REVISTA EDUCAÇÃO E REALIDADE](#) Acessado em 20/03/2015

FURLANETTO, Ecleide Cunico. **Como nasce um professor: uma relação entre o processo de individualização e formação**. Editora Paulus, São Paulo, 2003.

JAPIASSU, Hilton. **O sonho transdisciplinar: e as razões da filosofia**. Editora Imago, São Paulo, 2006.

PINEAU, Gaston. **Temporalidades na formação**. Editora Triom, São Paulo, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. Editora Cortez, São Paulo, 2009

SOUZA, Fernando Cesar de. **Jornadas interdisciplinares: do mito de Quiron à construção da metáfora da cura na escola**. Tese de Doutorado, PUC 2009. Ver em [BIBLIOTECAS SENAC SÃO PAULO](#) Acessado em 20/03/2015.

TROCMÉ, Helene. **Reinventar o ofício de aprender**. Editora Saraiva, São Paulo, 2010.